

Lusavouga compra 50% da L4D Web Agency

A Lusavouga adquiriu 50% do capital da agência L4D Web Agency -Live4Digital®. O objetivo desta aquisição é “responder às necessidades atuais e projetando o grupo para o futuro”, informa Rui Vicente Santos, CEO da Lusavouga.



Sensefinity inova para a Internet das Coisas

A Sensefinity criou uma plataforma SaaS para a Internet das Coisas. A primeira aplicação destas tecnologias é o “Sensorice”, a plataforma global de gestão para a Logística de Vacinas, Alimentos e outros bens perecíveis. Esta startup portuguesa venceu o Prémio Inovação do Wireless Meeting 2016.



PAULO RAMALHO

Vereador do Desenvolvimento Económico e das Relações Internacionais da Câmara Municipal da Maia

Dia da Europa e de algumas reflexões

Festejamos no passado dia 9 de maio o “dia da Europa”, dia em que se assinalou mais um aniversário da famosa “declaração Schuman”, de 1950, considerada a semente da atual União Europeia. Dia de, e para muitas reflexões.

E se é verdade que a União Europeia não é uma construção perfeita, nem sequer um projeto acabado, a verdade é que o grande objetivo do então Ministro dos Negócios Estrangeiros, Robert Schuman, foi alcançado. Depois de duas guerras devastadoras durante a primeira metade do século XX, num espaço curto de trinta anos, a Europa mantém-se em paz há mais de setenta anos. Um dos períodos mais longos de paz da sua história, designadamente dos últimos trezentos anos.

E sendo um “espaço” ainda muito assimétrico, constituído por países e regiões em estádios de desenvolvimento muito distintos, e que por consequência, não garante níveis similares de bem-estar a todos os seus cidadãos, não podemos esquecer que é no seio da União Europeia, cujo conjunto dos seus Estados Membros possui apenas 7% da população mundial, onde, anualmente, se despende cerca de 50% do valor destinado em todo o mundo ao chamado “estado social”.

Falo ainda de um “espaço”, que representa aproximadamente 25% do PIB do nosso planeta, e que é o principal doador de ajuda ao desenvolvimento a nível mundial, com uma responsabilidade superior a 50%.

Esta é a União Europeia, onde os valores da solidariedade, da tolerância e da defesa e promoção dos direitos humanos, atingem a sua maior concretização. Possivelmente o melhor “espaço” do mundo para se viver Mas que enfrenta hoje desafios que não pode ignorar.

Desde logo, a permanência ou não do Reino Unido, de um país que é a quinta maior economia do mundo, que é membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que tem um estatuto na Nato que todos reconhecem, e uma influência na história da Europa que ninguém questiona. A eventual saída do Reino Unido da União Europeia, em resultado do referendo do próximo dia 23 de Junho, lançará com toda a certeza o projeto europeu para uma crise, cuja dimensão não é nesta altura estimável. Haverá desde logo quem entenda que a União Europeia, com o grau de integração que hoje conhecemos, não faz sentido sem a presença do Reino Unido, e questione até também a sua permanência. E por outro lado, é bem provável que a Escócia, por sua vez, decida mesmo sair do Reino Unido... e talvez manter-se na União Europeia. E então de seguida, quem sabe se a Catalunha não fará o mesmo com a Espanha. E por aí fora

Outro dos desafios que a União Europeia enfrenta nos dias de hoje, e que não tem conseguido estar à altura das suas responsabilidades, prende-se com o acolhimento dos refugiados que chegam pelo mediterrâneo, vindos da Síria, do Iraque, do Afeganistão, da Eritreia, da Líbia e de outros territórios

em guerra. Apesar dos esforços da Comissão, e reconheça-se da própria Chanceler Angela Merkel, a União Europeia não tem conseguido implementar uma política comum de ajuda partilhada e de distribuição (muito menos de integração) dos refugiados pelos seus Estados Membros. Pelo contrário, em contradição com a sua tradição e cultura de tolerância, solidariedade e promoção dos direitos humanos, são frequentes as manifestações de xenofobia e indiferença a que se assiste em muitos dos territórios da União Europeia. A Hungria construiu mesmo barreiras nas suas fronteiras para impedir a entrada de refugiados e o seu Primeiro-ministro, Victor Orbán, dá sinais claros de recusa em participar nos esforços de redistribuição propostos pela Comissão Europeia. Entretanto, na Alemanha, Angela Merkel vê a sua popularidade claramente diminuída, e em contrapartida, o novo partido da extrema-direita, com um discurso, claramente anti-imigração, “Alternativa para a Alemanha”, alcançou resultados surpreendentes nas eleições regionais do passado mês de março.

Estamos perante problemas que afectam inequivocamente a credibilidade e a própria liderança da União Europeia pelo exemplo, como sempre defendemos. Mas um outro desafio se impõe também a este projeto de construção e integração europeia, nesta época da globalização, e que é igualmente importante para a sua sobrevivência: a da afirmação de uma economia sólida e competitiva, continuando a ser o espaço dos direitos sociais e laborais.

Não podemos esquecer, que apesar dos vinte e oito Estados Membros da União Europeia serem ainda responsáveis, no seu conjunto, por cerca de 25% do PIB mundial, nenhuma das dez maiores empresas do planeta pertence atualmente à Europa. A globalização provocou a deslocalização dos sistemas produtivos e a evolução das tecnologias de informação tornou o tempo e o espaço mais próximos. Tudo ficou mais incerto, menos previsível e mais volátil, mas também mais interdependente. Os ciclos económicos são cada vez mais curtos. E mais importante, nasceram novas potências económicas, que não têm problemas de “direitos adquiridos”, que pouco ou nada conhecem de direitos sociais e que têm uma cultura muito diferente sobre os direitos laborais, com quem os países da União Europeia têm de conviver e competir todos os dias. Sendo que hoje tudo acontece e se processa de forma muito rápida. Em 1990 a China tinha 1 milhão de automóveis, em 2012, já possuía 100 milhões. Em 2008 os Estados Unidos eram deficitários em termos energéticos, hoje, fruto do desenvolvimento de tecnologia que lhes permitiu extrair gás e petróleo a partir do xisto, são uma super-potência energética

Um desafio difícil, este, assente numa equação complexa, mas também decisivo para o futuro da União Europeia. É que por muita vontade que exista na ação política, não se vislumbra como será possível ambicionar a manutenção do nosso modelo de vida, sem uma economia que assegure a sua sustentabilidade.

NOVOS ARTIGOS DISPONÍVEIS NO SITE VIDA ECONÓMICA

www.vidaeconomica.pt

MIGUEL ANSELMO

Specialist Consultant da área de Process Improvement da Mind Source



Blockchain & Smart Contracts

Numa altura em que o setor financeiro se vê de novo assolado com escândalos e que, em consequência, se verifica a dificuldade das entidades regulatórias em executar o seu trabalho, torna-se claro que algo tem que mudar de modo a trazer maior transparência ao setor financeiro.

Emergiram soluções tecnológicas que permitirão colmatar esta necessidade, como é o caso das tecnologias Blockchain e Smart Contracts. O Blockchain é a tecnologia subjacente ao Bitcoin, moeda digital emergente, sendo “distributed ledger” o seu conceito base. Essencialmente trata-se de uma base de dados distribuída pelos diversos “participantes” (peer-to-peer), que representam os vários nós na rede virtual.



NUNO FERNANDES

Business Development Manager (EMEA & APAC) at Saphety
nuno.fernandes@saphety.com
Perfil LinkedIn: <https://pt.linkedin.com/in/nfernandes1>

O custo das comunicações para o setor B2B: de preço a commodity

Não, o título não é para cativar a atenção para este texto, aliás acho mesmo que o preço dos serviços de telecomunicações irá deixar de ser um fator diferenciador para ser mais uma commodity. Parece um clichê mas na realidade não é. Na verdade é mesmo uma “wake up call”.

Poderíamos falar em disrupção e dizer que o custo das telecomunicações já não é o principal fio condutor na escolha do fornecedor de telecomunicações. Mas que caminho tático então deverá ser seguido? Julgo que os serviços de valor acrescentando são a resposta e, nesse sentido, as soluções de Electronic Bill Presentment (EBP) são um fator crítico de sucesso.

FILIPA MENDES PINTO

Sócia-fundadora da Find



Advocacia e Felicidade: qual o papel do dinheiro?

Há uma certa tendência para se considerar que os advogados não só ganham muito dinheiro, como ganhar dinheiro é um dos seus principais objectivos de carreira e de realização pessoal. Ora é importante esclarecer, por um lado, que há demasiados advogados para que aquela primeira ideia possa ser considerada uma verdade inquestionável e, por outro, há formas de exercer advocacia muito diferentes entre si, que levam a condicionar também a sua constatação inequívoca. Quanto à segunda ideia, arriscaria dizer que, sem prejuízo da sua importância, ganhar dinheiro é um entre outros objectivos mas, cada vez mais, não o principal. Na verdade, um estudo muito interessante desenvolvido, em 2014, por Lawrence S. Krieger e Kennon M. Sheldon Ph.D, publicado na The George Washington Law Review, sob o tema What Makes Lawyers Happy?: A Data Driven Prescription to Redefine Professional Happiness – prime human motivator que avaliou os fatores motivacionais de mais de 6000 advogados, concluiu que estes não são diferentes dos outros profissionais no que toca a questões de felicidade e de prazer. O mesmo estudo afirma que os advogados igualmente valorizam e necessitam de autenticidade, de autonomia, de proximidade de relações ou de idêntico apoio formativo ou de supervisão. E, acrescenta, a existência em maior ou menor grau destes fatores na sua carreira profissional afetam a respetiva performance.



Ver versão integral:
www.vidaeconomica.pt